

**3/3/2002**

**"Cortar cana não é vida"**

"Cortar cana não é vida para ninguém", queixa-se Mateus Mello. "Antigamente eu cortava uma área equivalente a esta por mês, ganhava o tanto exato para matar a fome, mas nem que parasse de comer e juntasse tudo o que ganhei em 20 anos nos canaviais teria o que tenho hoje, podendo dispensar meus filhos do trabalho para ir à escola", conta, enquanto prepara a terra.

Mateus integra um grupo de segregados que ultrapassa os limites de Guariba e avança por todo o interior do Estado. Ele é um retrato da exclusão social que resultou da mecanização dos canaviais somada à falta de qualificação profissional.

Em Guariba, a situação desses trabalhadores é mais grave. Por quase duas décadas eles foram marginalizados por um embate trabalhista. Depois que a cidade, com 30 mil habitantes e 80% de sua população formada por migrantes do Norte de Minas Gerais, foi centro de um confronto entre a Polícia Militar e cortadores de cana, usinas e empresas da região deixaram de contratar mão-de-obra local. "Tínhamos que mentir o endereço", conta Silvio Dias, 38 anos, que foi rejeitado por várias usinas. Não resistiu, mudou-se para Ribeirão Preto e hoje trabalha como pedreiro.

**(Página 20 — ECONOMIA)**